

## **A linguagem como elemento constitutivo da identidade cultural em São Paulo do Potengi – RN:**

Autora: Maria Aparecida da Silva - Aluna do Curso de Pós-Graduação: Práticas Educativas do Ensino Médio da Faculdade de Natal – FAL. Professora da Rede Municipal de Ensino São Paulo do Potengi - RN (Língua Portuguesa Ensino Fundamental)

### **RESUMO**

O trabalho apresenta uma reflexão sobre a Linguagem como elemento constitutivo da identidade cultural em São Paulo do Potengi - RN. Este estudo se configura como uma pesquisa aplicada e estudo de caso. Nosso objetivo geral foi Identificar no discurso cotidiano as expressões como elementos constitutivos da identidade cultural. Os objetivos específicos foram: Enumerar as expressões mais freqüentes no discurso cotidiano dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio e analisar as expressões encontradas como identidade lingüística potengiense, sendo estas, uma variação lingüística. O presente estudo se organiza em três momentos, o primeiro compreendendo a Introdução, que inclui os objetivos geral e específicos, a justificativa, o tipo de pesquisa e a estruturação do estudo. O segundo, onde realizamos a Discussão dos Resultados, discutimos o ensino da linguagem através dos tempos, numa breve conceituação histórica, neste sistematizamos a concepção de histórica da linguagem até os dias atuais. O terceiro, as concepções de linguagem e, por fim as considerações finais, onde analisamos as expressões listadas pela amostragem, como sendo elemento constitutivo da identidade lingüística. Reafirmando a singularidade e a particularidade que envolve a construção das variantes lingüísticas, compreendemos também que este estudo se configura como uma reflexão inicial que pode se mostrar em diversos outros estudos, visto que esta temática, ao longo dos nossos estudos, desencadeou diversos outros questionamentos.

**PALAVRAS CHAVES:** Linguagem, preconceito lingüístico, variedade lingüística, identidade cultural.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo se organiza em três momentos: O primeiro compreendendo a Introdução, que inclui os objetivos geral e específicos, a justificativa, o tipo de pesquisa e a estruturação do estudo; O segundo, onde realizamos a Discussão dos Resultados, discutimos o ensino da linguagem através dos tempos, numa breve conceituação histórica, neste sistematizamos a concepção de histórica da linguagem até os dias atuais e; O terceiro, as concepções de linguagem e, finalizamos com as Considerações finais, onde analisamos as expressões listadas pela amostragem, como sendo elemento constitutivo da identidade lingüística potengiense.

“O ser humano é signo, é imagem”

Peirce

Desde o princípio da existência humana que ouvimos as diversas formas de linguagem. Foi a partir da consolidação terrena do *homo-sapiens*, que a história registra as diversas formas de comunicação.

Com o passar dos tempos a linguagem foi se constituindo, como ainda encontra-se até então, e foi se transformando num objeto de investigação. Esta concepção de linguagem em constituição que conhecemos hoje, em suas diversas formas e seguimentos, é idéia contemporânea, a qual estamos sempre tentando aprimorar e redescobrir os mistérios e encantamentos constantes da linguagem.

Foi com o passar dos tempos e muitos estudos sobre esta temática, que foram se concebendo os diversos instrumentos criados pela humanidade até então, para que a percebêssemos ela como tal.

Foi, então, a partir deste pensamento de linguagem como algo vivo, dinâmico e em constante metamorfose que conseguimos compreender e atuar na constituição permanente da língua em diversos contextos, até os dias atuais.

Para Bagno (1999), a linguagem sendo um rio caudaloso e longo é preciso dar continuidade ao estudo desta, procurando contribuir cientificamente no sentido de compreendê-la como um movimento, uma metamorfose, uma mutação constante que se dar pela interação humana.

Também compreendemos a importância que é valorizar as expressões presentes no discurso de nossos jovens como um curso natural da linguagem, como

elemento constitutivo da identidade lingüística de um povo, especificamente de um povo nordestino que, não diferentes das demais regiões do país têm suas peculiaridades lingüísticas, que ao se juntarem com os demais das diversas regiões formaram a Identidade Nacional, sendo este, um estudo que contribuirá na reafirmação de nossa identidade Lingüística potengiense.

### **Objetivo geral**

é Identificar no discurso cotidiano as expressões como elementos constitutivos da identidade lingüística, na ótica discente.

### **Objetivos específicos:**

Enumerar as expressões mais freqüentes no discurso cotidiano dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio e analisar as expressões identificadas como identidade Lingüística local, sendo uma variação lingüística.

## **2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A linguagem é uma herança social, “uma realidade primeira”, que uma vez assimilada, envolve os indivíduos e faz com que as estruturas mentais, emocionais e perceptivas sejam reguladas pelo seu simbolismo. Permeia o conhecimento e as formas de conhecer o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir. Ela é a roda invertida que movimenta o homem e é movimentada por ele. Segundo os PCNs (2001).

O fim da linguagem dentre muitos, é provocar o entendimento entre os seres humanos, é possibilitar o desenvolvimento da competência comunicativa nos interlocutores, tornando-a um dos instrumentos constitutivos do homem, e por si só, um instrumento de rica investigação.

A linguagem é considerada como capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los em sistemas arbitrários de representações, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentidos. (PCNs, 2001).

A linguagem é ainda uma herança social, uma realidade primeira que, uma vez assimilada, envolve os indivíduos e faz com que as estruturas mentais emocionais e perceptivas sejam reguladas pelo seu simbolismo.

A linguagem é produto cultural e histórico, é constituída e utilizada de acordo com o povo que a utiliza em seus diversos contextos. É considerada como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los em ocasiões ou situações arbitrárias de representações que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade, procurando sempre manter um de seus fins, que é a produção de sentido. De acordo com os PCNs, (1997: 23 ; 24):

*A linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade, um processo de interlocução, que são realizadas nas práticas sociais existentes, nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. (...) a linguagem é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade.*

As diferentes linguagens que utilizamos no nosso cotidiano com relação às expressões é de fundamental importância para compreendermos a identidade de um povo em um determinado contexto, mesmo sendo, expressões tidas na maioria das vezes como inadequadas em diversas ocasiões ou contextos.

Estudar a linguagem cotidiana como elemento constitutivo da identidade cultural de um determinado grupo, e melhor ainda, dos jovens potengienses, se deu por diversas inquietações ocorridas nas reflexões durante os estudos da Disciplina de Língua Portuguesa e as diversas leituras que realizamos ao longo do Curso de Especialização em Práticas Educativas no Ensino Médio, como também, pelas circunstâncias ocorridas no nosso fazer pedagógico.

Durante nosso fazer pedagógico nos deparamos com diversas situações. Observando um grupo de primeiro ano do Ensino Médio, percebemos que a linguagem cotidiana deles representava pouca importância como elemento constitutivo da identidade cultural pelos próprios alunos, pois era uma linguagem tida como palavras ou expressões inadequadas para uma comunicação, visto que os alunos estavam cursando um nível de ensino que supostamente, eram incabíveis tais expressões e por aquelas serem consideradas “chulas”, descontextualizadas com o conteúdo sistematizado nas aulas de Língua Portuguesa.

A primeira vista as palavras tidas como “chulas”, os palavrões e as expressões que muito são freqüentes na nossa linguagem nordestina e no nosso cotidiano, tinha de fato, pouca importância como elemento de nossa identidade lingüística.

Só as palavras e expressões da norma culta, eram parte da identidade cultural, dos mesmos e que o universo (dos alunos do primeiro ano) não deixavam de utilizá-las em diversas ocasiões de seus discursos espontâneos ou não.

O que nos fez repensar que as modificações das expressões de seu cotidiano eram modificadas conforme os contextos, o que representava um bom começo, pois estava exercitando a competência lingüística, porém, estes, as modificavam por considerá-las de nível inferior e de pouca importância, ou por revelar um nível cultural inferior a outros casos as usá-las nos contextos supostamente equivocados. Ou seja, as expressões são uma realidade inegável, estão presentes nos discursos. Assim, que expressões fazem parte do discurso do grupo? O que os fazia considerá-las inadequados no discurso cotidiano deles? O que significam? Eram algumas de nossas indagações. O que justifica este estudo é que não há mais espaço para concebermos a língua como um elemento estanque, que não se move e que não se adequar aos contextos, que irá sempre exigir adequações nas diversas situações em que ela for sistematizada e mais ainda, que as expressões por mais que represente um nível intelectual inferior às de quem as utiliza, são partes da identidade cultural de um povo e tem suas origens e explicações.

As expressões existem para fazer com que os interlocutores consigam construir um ambiente comunicável, contribuindo com a identidade lingüística de cada povo em cada tempo, daí a importância de estudar as expressões nos diversos tempos e contextos em que ela se apresenta.

A escola é uma extensão do processo de socialização iniciada pelos pais e o meio, onde os educandos vivem. Quanto maior a familiaridade cultural que o alunado matem com a modalidade cultural veiculada pelo ensino da língua, tanto maior será a probabilidade de sucesso no processo de escolarização.

A linguagem em suas diversas formas tem sido, como já dito, objeto de estudo. Quando nos referimos sobre a linguagem, nos reportamos ao estudo e ensino desta, sendo assim, melhor será nos referimos ao ensino da linguagem, e este acontece especificamente no campo da Língua Portuguesa.

O ensino da linguagem, sendo nossa língua Portuguesa, a língua materna, ela têm sido discutida no Brasil desde a década de 1960, sempre pensando num currículo que superasse as necessidades, e dificuldades identificadas por educandos e educadores e a complexidade que era e é o uso de uma língua.

### **O ensino da linguagem através dos tempos: breve conceituação histórica.**

Desde a década de 1970, o ensino de Língua Portuguesa focaliza o domínio da leitura e escrita pelos alunos, para explicar os altos índices de analfabetismo. Já na década de 1980, com as pesquisas desenvolvidas em outros campos de conhecimentos como a Lingüística e Psicolingüística, dentre outras, permite discutir a finalidade dos conteúdos da Língua Materna, focalizando o ensino de língua Portuguesa tendo como fim tanto o ponto de partida como o de chegada o uso da linguagem (PCNs, 2002).

Ainda, segundo os PCNs (2001), as críticas em que se faziam ao ensino tradicional da língua Portuguesa eram: a desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos, a excessiva escolarização das atividades de leitura e de produção de texto, o uso de texto como expediente para ensinar valores morais e como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais, a excessiva valorização da gramática normativa e a insistência na regra de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não-padrão, o ensino descontextualizado na metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos lingüísticos em frases soltas e a apresentação de uma teoria gramatical inconsciente, uma espécie de gramática tradicional mitigada e facilitada.

A ênfase atribuída ao ensino da gramática na escola associado às diversas outras críticas do ensino da língua suscitaram diversas reflexões. Sobre a o ensino da gramática normativa nos afirma BAGNO (1999, p. 67):

*A gramática normativa foi num primeiro momento uma gramática descritiva de um dialeto de uma língua. Depois a sociedade fez dela um corpo de leis para reger o uso da linguagem, por sua própria natureza, uma gramática normativa está condenada ao fracasso, já*

*que a linguagem é um fenômeno dinâmico e as línguas mudam com o tempo, e para continuar sendo a expressão do poder social demonstrado por um dialeto, a gramática normativa deveria mudar.*

A gramática é composta por normas prescritas por cientistas lingüísticos desde o século VI a.C. na Grécia Antiga, desde então têm sido discutidas, aceitas ou refutadas.

É inegável que o papel da escola é ensinar a norma culta, porém isso suscitam muitas discussões. É preciso falar correto, porém o que é falar correto? É preciso saber a norma culta, a norma padrão, para que possamos usá-la e adequá-la em diversos contextos, o que não podemos fazer é recusar outras formas de linguagem e mais ainda, repensar como a norma culta, tão necessária na língua Portuguesa é ensinada.

Todas estas críticas com relação ao ensino da linguagem refletem as concepções de ensino de cada época e tempo, pois os processos que compreendem todo o fazer docente estão embasados numa concepção de ensino.

Segundo Libâneo (1994) na década de 1960 as práticas pedagógicas no Brasil eram embasadas na tendência tradicional, onde o aluno não era o centro, (o processo de ensino era o foco, o aluno era depositário, era uma educação bancária). Já na década de 1970 a tendência de ensino era tecnicista, o técnico pelo técnico, (acreditava-se que os altos índices de analfabetismo eram decorrentes do trabalho “mal realizado” pelos professores e começaram a repensar os métodos e técnicas, os planejamentos e as técnicas de ensino, era preciso realizar estes processos “direito”, novamente ficamos nos processos de ensino).

Por volta da década de 1980, as tendências eram de cunho progressista interessadas em propostas voltadas para o interesse da maioria da população. As tendências eram as chamadas teorias críticas da educação: a pedagogia crítico-social dos conteúdos (onde a escola pública precisava cumprir com seu papel social e político assegurando a difusão dos conhecimentos sistematizados a todos com a condição para a efetiva participação do povo nas lutas sociais, atribuindo grande importância à didática, buscando a superação de traços significativos da pedagogia tradicional e da escola nova), e a pedagogia libertadora, (que retomava a proposta de educação popular dos anos 60, refundindo seus princípios e práticas em função das possibilidades do seu emprego na educação formal em escolas públicas, já que

inicialmente tinha caráter extra-escolar, não oficial, e voltados para o atendimento da clientela adulta) (LIBÂNEO 1994).

O que resultou das inúmeras críticas ao ensino de língua Portuguesa foram às diversas teses e dissertações à cerca da temática, gerando um empenho por parte das secretarias estaduais e municipais em redefinir o currículo da língua materna, mesmo sendo ainda atitudes corretivas.

Percebemos então, um esforço em fazer com que as práticas do ensino da língua partam de um uso que permitam os alunos (e todo usuário) à conquista de novas habilidades lingüísticas, sempre associadas aos padrões de escrita, considerando que: a razão de ser das propostas de leitura e escrita são a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio, a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a interlocução efetiva e não as produções de textos para serem objetos de correção e, as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente às situações e aos propósitos definidos. (PCNs 2001)

Desde a década de 1980, até então, estas concepções de ensino da língua materna têm sido, com muito esforço, introduzidas nas escolas. Estas, também se estendem a todos os níveis de ensino, desde o Fundamental até o Ensino Médio.

Compreendendo que é pela linguagem que se expressa às idéias, pensamentos e interações, e é também por meio desta, que se estabelecem às relações interpessoais anteriormente inexistentes e se influencia o outro, alterando suas interpretações da realidade e da sociedade e o rumo de suas relações, daí os diversos estudos neste campo nas últimas cinco décadas.

Nossa tradição de estudo da língua portuguesa no Brasil, nos últimos tempos tem negado a pluralidade de normas lingüísticas, até na Universidade no estudo da nossa língua portuguesa, refletindo nos outros níveis de aprendizagem, e rejeitando na escola qualquer manifestação lingüística diferente, não levando em conta que a norma padrão culta é uma, e apenas uma das muitas variedades possíveis no uso do português como afirmam muitos dos lingüistas brasileiros.

O espaço do ensino da Língua Portuguesa na escola é dentre outros, o de garantir o uso e a estética da linguagem verbal, de fazer compreender que é pela e na linguagem que é possível transformar-reiterar o social, o cultural, e o pessoal e aceitar a complexidade humana.

Ensinar para o respeito pelas falas como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano, mesmo que, na comunicação haja avanços ou retrocessos próprios dos usos da linguagem em fim, fazer o aluno compreendê-la como um texto com diálogos constantes com os outros textos.(PCNs 2001).

A intenção, é levar o aluno a se conscientizar da condição da linguagem como um intertexto vivo, capaz de, ao ser constituído, ser referendado, citado, parafraseado e desmontá-los sempre, criando intertextos novos, em um exercício constante de diálogo, em que a identidade de cada um, se instaura a partir de uma herança social cultural comum.

Como percebemos o modo pelo qual a língua é ensinada na escola, fica subentendido a tradição normativa, quando esta, tenta compensar as supostas carências geradas, na maioria das vezes, por um contexto social materialista empobrecido, ou seja, o que mais prevalece ou é mais acentuado são os instrumentos normativos.

Sobre a diferença entre a linguagem e o ensino da norma culta nas escolas, BAGNO (1999, p. 9-10) faz a seguinte colocação:

*A linguagem é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta, essa descrição é claro, tem seu valor e seus méritos mas é parcial, (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser automaticamente aplicada a todo o resto da língua, a final a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu valor total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repreensiva que impera na ideologia geradora do preconceito lingüístico.*

Bagno (1999) reafirma o posicionamento da escola em durante muito tempo ter apenas detido-se em sistematizar a norma culta, esta concepção autoritária, gerou o preconceito lingüístico, considerando a norma não culta como incabível e inferior.

Desde a década de 1980 que a Sociolingüística propôs uma alternativa fundamental, com as concepções de variação de linguagem não devendo passar por

um crivo valorativo, possibilitando a consciência do educando para a percepção do valor social das variadas formas lingüísticas. (PCNs, 2001).

Ou seja, era preciso ou diríamos, é preciso considerar as diversas variantes lingüísticas no ensino da língua materna, sem atribuição valorativa, sem equiparar as variantes.

Talvez muitos resquícios das licenciaturas associados com outras questões que até então não compreendemos, contribuíram para a pouca atenção pra esta questão, a não valoração da variação lingüística. Falar diferente não é falar errado, o contexto histórico e social constitui a linguagem, pois somos sujeitos históricos.

### **Algumas concepções de linguagem**

Sabendo que as linguagens variam de acordo com diversos determinantes e indicadores, conforme o tempo, muito se pensou sobre a concepção de linguagem, pois é com base nesta, que os diversos grupos lingüísticos vão se constituindo e definindo seus códigos nos diversos contextos.

Sobre esta questão;

*A linguagem permite o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir. Ela é a roda invertida, que movimenta o homem e é movimentada pelo homem. Produto e produção cultural, nascida por forças das práticas sociais, a linguagem é humana e, tal como o homem, destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório pluridimensional, múltiplo e singular, a um só tempo. (PCNs, 1999, p. 143)*

Sendo a linguagem como o homem, compreende-se a complexidade e a mutação que permeia toda esta constituição. Durante as práticas sociais o homem cria a linguagem, no caso, a fala.

Sendo sujeitos de linguagem, *invenção cultural*. O homem é “moldado” pelos instrumentos e ferramentas que usa e nem a mente, nem a mãos podem isoladamente realizar muito. (Vygotski 1998).

Portanto a linguagem é produto e produtor social, um constitui-se no outro, a linguagem é instrumento lógico e analítico do pensamento. A linguagem atual que nos deparamos nos diversos contextos compreende também a variação lingüística.

Esta variação lingüística presente no discurso falado dos usuários da língua, também se constitui uma questão importante a ser considerada na concepção de linguagem de BAGNO (1999), para o mesmo, a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua.

Comparar a língua a um rio corrente supõe, dentre outros, renovação constante o contrário da gramática normativa, igapó, poça de água parada. Sendo assim, mais uma vez ele considera ensinar a língua com outro olhar, considerá-la como em constante mutação e que não muda seu curso, não retorna só corre adiante.

Ao contrário da norma culta, que se retoma sempre a ela. Ou seja, é preciso ensinar a língua com outra percepção, a de um rio, não a de um igapó, como é realizado com a gramática.

Para Bagno (1999), no Brasil têm se notado um preconceito lingüístico, que está ligado em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa, se concebendo através do que ele chama de oito mitos.

Considerando que o ensino da linguagem, em Língua Portuguesa nas escolas precisam redefinir o lugar da variação lingüística, além do ensino da norma culta que vem ao longo dos tempos realizando, vemos os variantes lingüísticos como uma concepção de linguagem a considerar.

Quando pensamos nas variantes lingüísticas como uma parte importante no ensino da língua estamos também redefinindo nossa concepção de ensino. Poderemos afirmar que estamos numa tendência mais progressista, na concepção sócio-histórica ou sócio-interacionista (Vygotsky) e psicogenética (Piaget).

## **A semiótica como a Lingüística e a Psicolingüística na concepção de língua**

A semiótica como a Lingüística e a Psicolingüística também têm contribuições com a questão da concepção de língua como variação, a primeira é uma ciência ou teoria geral que abarca todas as possíveis espécies de signos, seus modos de significação, de demonstração e de informação, é o todo de seu comportamento e propriedade.

É um campo de estudo que tem por objeto todos os tipos de signos, visando compreender qual a natureza, as propriedades e os poderes de referências que os signos têm, como eles se estruturam em sistemas e processos como funcionam quando são emitidos, produzidos utilizados e quais tipos de efeitos estão aptos a gerar num nos receptores. (PEIRCE apud NETTO, 1996).

Nesse sentido a semiótica que estuda os léxicos criados pelos grupos ao longo dos tempos, só tem contribuições a oferecer.

No dizer de Barts (apud, NETTO, 1996) a linguagem apresenta-se ao indivíduo como um sistema pré-existente, uma intuição social, que acumulou historicamente uma série de valores sobre o qual, não tem nenhuma ascensão enquanto indivíduo.

A fala existe enquanto elemento coletivo e legitimador de sua própria existência da *Lange e parole*, o individuo não pode “falar” sem que a sociedade tenha estabelecido as regras pelas quais sua comunicação é possível.

Já para Saussure (apud NETTO, 1996), o signo pode ser analisado em duas partes, que o compõem: o conceito e a imagem acústica, as palavras faladas de uma língua apresentam-se como imagens acústicas, que trazem a tona, quando manifestados um determinado um determinado conteúdo ou conceito.

O significado deve ser entendido como signo lingüístico, especificamente, este é arbitrário, não há uma relação necessária entre ele e o objeto representado. Saussure (apud NETTO, 1996).

Se observarmos os vários aspectos que influenciaram na nossa língua brasileira ao longo da história, vimos que foram determinadas não apenas por situações culturais trazidas pelos colonos lusos que tiveram sua contribuição na nossa língua, mas a ação dos fatos geográficos ou sociais que influenciaram na língua brasileira.

Muitas influências aconteceram para que tivéssemos desenvolvido a norma culta e a variação lingüística que temos até então. Daí nossa extrema curiosidade em estudar as diversas variantes nos diversos contextos.

Nosso estudo focaliza o dialeto usado pelos alunos do primeiro ano do Ensino Médio no Colégio São José. Percebemos ao longo de nossa atuação no contexto da escola algumas expressões, não muito presente em outros contextos ditos formais, apesar da escola ser o lugar de ensino da norma padrão.

Observamos expressões (variantes lingüísticas), que possibilitavam mais descontração, entrosamento e muita comunicação entre os usuários destes termos. E, nos perguntamos o que significam tais expressões, onde são utilizadas, será característico apenas deste grupo? Sabemos que a brevidade deste estudo nos impede de respondermos a todos os nossos questionamentos, porém, vejamos algumas das expressões mais pronunciadas e o sentido destas para o grupo.

### **3 - METODOLOGIA**

Esta pesquisa se configura como pesquisa aplicada que segundo Gil (2002) acontece quando o investigador é movido pela necessidade de contribuir para fins práticos mais ou menos imediatos, buscando soluções para problemas específicos concretos. “pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Ainda segundo este, consiste em um estudo de caso, que de acordo com Gil (2002), trata-se de um estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

O estudo de caso permite explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos preservar o caráter unitário do objeto estudado, descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação, formular hipóteses ou desenvolver teorias e explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

## **Universo do estudo**

O universo a ser estudado é a turma única do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio São José em São Paulo do Potengi - RN. Composta por trinta (30) alunos, se constituindo amostragem com vinte por cento dos alunos, escolhidos espontaneamente.

## **Instrumento para coleta de dados**

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário semi-estruturado, compreendendo uma questão e a justificativa desta. Entendemos que este instrumento se configura como ideal para coletarmos as informações necessárias para contribuir com o nosso objeto de estudo.

## **4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreender a linguagem com todas as suas variações lingüísticas não como variantes erradas, mas como termos criados historicamente por um determinado grupo, têm sido um caminho em construção no campo do ensino da língua materna nas escolas.

O combate ao preconceito lingüístico, como são tidas estas expressões que fogem à norma culta, que estão muito presentes no nosso contexto enquanto educador, é um processo, é um trabalho que requer também buscar um olhar antropológico. Pois a linguagem é um *rio caudaloso, longo e largo* que nunca se detém em seu curso, toda a língua varia nas diferenças fonéticas, sintáticas, lexicais, semânticas e no uso da língua, dentre outros. (BAGNO, 1999).

Os contextos e as profissões em que os grupos humanos atuam, possibilitam uma linguagem específica, com códigos que os identificam como um grupo. Como se constrói a língua falada dos falantes de um determinado grupo social num contexto e tempo? Como é tecida a linguagem e porque é preciso outros códigos lingüísticos para que os falantes num determinado contexto, se comuniquem? Fundamentam nossas inquietações sobre os códigos lingüísticos pensados pelos estudantes do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio São José.

Uma das conseqüências do texto da língua falada, é que este é rico em descontinuações. A todo momento, os interlocutores estão preenchendo os vazios (CASTILHO, 2002).

Na sintaxe, a interação dos falantes dos usuários de uma língua, constroem o texto, havendo ou não a necessidade de lexicalizar o tópico conversacional

A conversação representa o intercurso verbal em que dois ou mais participantes se alternam discorrendo livremente sobre os tópicos posicionados pela vida diária.

Os recursos retóricos utilizados no decorrer dos discursos, organizando o texto falado, não são meros recursos formais, ou visam embelezar o discurso, o modo de dispor a escolha de um de outro recurso lingüístico revela múltiplos comprometimentos de cunho ideológico, portanto persuasivo.

Para Citelle (1999) Se palavras por exemplo, nascessem neutras mais ou menos como estão em estado de dicionário, ao se contextualizarem passam a expandir valores, conceitos, pré-conceitos.

Ou seja, iremos viver e aprender em contato com outros homens mediados pela palavra, e serão estas que irão nos informar e, serão por nós absorvidas.

As palavras são por nós absorvidas transformadas e reproduzidas, criando um circuito de formação e reformulação de nossas consciências.

Portanto, todo o discurso tem implícito, seu nível de persuasão, sua ideologia como em todos os contextos, como no caso do transporte rodoviário, que muito nos mostra sobre uma forma de comunicar-se, entre eles, uma produção de signos para legitimar a linguagem requerida por eles para tal contexto, que como todos os signos têm sua origem e fonte na necessidade humana de se constituírem como seres de linguagem, dentre outros.

Os signos não são totalmente arbitrários não há signo sem significante e significado, de modo que uma moeda não pode deixar de ter cara e coroa.

Após observação do grupo em diversos contextos, sala de aula e outros espaços da escola, perguntamos quais eram (no mínimo cinco) as expressões mais usadas por eles no cotidiano e quais seriam o significado delas?

Vale ressaltar que o Colégio São José é católico, o universo em estudo é formado por vinte alunos, sendo amostragem cinco deste totalizando vinte por cento, são da classe média que compõem a cidade pois esta, é a única escola privada da cidade. Aproximadamente seis têm convivência com a zona rural da cidade, são filhos de fazendeiros.

#### **As expressões mais citadas foram:**

- **ABACAXI** – problema;
- **ABALOU** – expressão quando alguém é muito afrescalhado;
- **ABISCOITADO** – aluado maluco;
- **ADONDE** – onde está;
- **ARROCHÁVEL** – é usada para dizer que alguém é bonito;
- **BASQUETE** – expressão usada quando alguém fica com vários namorados ou namoradas;
- **BOMBAR** – é o mesmo que arrasar;
- **BARDIÔ** – é expressão usada para dizer que alguém bagunçou;
- **BARA** – pessoa rica;
- **BARANGA** – mulher feia;
- **BROCOIÓ** – pessoa matuta;
- **BODÃO** – homem que fica com várias mulheres;
- **CAFUÇÚ** – pessoa que é muito feia;
- **CADÊ** – onde está?;
- **CARNIÇA** – pessoa que não presta;
- **CAGADO** – pessoa de sorte;
- **CUADOR** – cueca, peça íntima masculina;
- **CADA MACACO NO SEU GALHO** – cada pessoa no seu lugar;
- **DEU TORTO** – deu errado;
- **INCRICRIOU** – encolheu, diminuiu;
- **JABURÚ** – pessoa gorda;
- **LEVAR TOCO** – levar fora do namorado ou da namorada;
- **LESADO** – pessoa desatenciosa, desatenta;
- **MARUÁ** – gente feia

- **OH DERROTA!** – expressão usada quando algo não deu certo;
- **OH RIQUEZA** – pessoa bonita ou fartura;
- **PERDIDO** – pessoa sem futuro;
- **PANTIM** – expressão de espanto;
- **SACANA** – pessoa que é falsa;
- **SANGÊ** – sair fora;
- **SOXTÔ** – expressão de admiração;
- **SORTE COTÓ** – pouca sorte;
- **SÓ DEU PRA MINHA RADIOLA** – expressão usada para falar que o problema sobrou pra mim;
- **TRUAR** – se divertir
- **VAZAR** – sair fora;

As marcas lingüísticas regionais participam ativamente do processo de construção de nossa identidade, o modo como falamos nos aproxima dos nossos conterrâneos e, ao mesmo tempo, esse nosso falar regional nos diferencia dos demais. A nossa variedade lingüística regional é, portanto, uma de nossas “marcas registradas” e tende a permanecer conosco mesmo quando mudamos de região.

Estas expressões presentes na fala do grupo, que demonstraram muitos significados, foram coletadas em sala, porém, são percebidas em diversos contextos; além das salas de aula, no pátio da escola, na praça, em outros espaços de descontração e até em ambientes ditos formais.

Estas expressões presentes no discurso do universo em estudo, não estão tão distantes de outras realidades, por exemplo: as expressões baranga, debiloide, sangê, tô ligado e, é foda!, estão muitos presentes nos discursos de outras regiões do Nordeste brasileiro.

As demais expressões até podem ser também características de outros estados do Nordeste brasileiro, no entanto como ficou bem claro, este discurso, com tais expressões, como nesse grupo em estudo, fazem parte do cotidiano, são expressões ditas fora do padrão, são consideradas dentro do ensino de língua Portuguesa, na concepção de ensino que observamos no fazer diário no referido grupo, como não padrão e portanto inadequadas, é tanto que seu uso é apenas fora do espaço ou do “olhar” atento do professor, são até ouvidas, porém pouco

utilizadas ou servindo de suporte para compreender como a língua é de fato um “rio caudaloso e corrente”

Isso demonstra como ainda não percebemos a importância e a concepção de ensino de língua materna como deve ser, considerando os diversos variantes lingüísticas que fazem parte do contexto de cada grupo.

Quando negamos esta peculiaridade, as variantes que constituem a identidade lingüística de cada grupo histórico, não estamos contextualizados com a concepção de ensino de língua materna, novamente caímos na desvalorização das variantes dialetais, e na valorização da norma culta, do ensino exclusivo da gramática, ficando por fim, no preconceito lingüístico.

Do ponto de vista da qualidade lingüística todas as variantes se equivalem, lingüisticamente não há uma variedade melhor ou mais bonita, ou mais certa do que a outra, isso porque todas são igualmente organizadas e atendem igualmente às necessidades dos grupos que a usam.

Os grupos humanos para constituem-se como tal, diferenciando-se uns dos outros pensam nos códigos até como uma das formas de defesa e resposta aos outros que o identificam com suas especificidade, como acontece nos demais grupos ou tribos humanos, como os profissionais da medicina, da educação, do esporte, e os alunos de uma determinada turma como é o caso do grupo em estudo.

Na comunicação os códigos têm características próprias e o contexto em que os usuários atuam também contribui para a constituição das especificidades dos códigos, que é construído coletivamente.

O grupo em destaque é formado por uma diversidade de pensamentos e concepções, são únicos e ao mesmo tempo compactuam com expressões comuns. Os códigos ou expressões utilizados por eles podem estar presentes em outro grupo social, podem até significar o mesmo, o que estamos referendando são as peculiaridades destes termos, são os contextos usados para utiliza-los.

O que podemos notar com os códigos lingüísticos que o grupo construiu ao longo dos tempos neste contexto e grupo específico; é que o homem é construção social, se constitui no outro e em grupo, precisa justificar criar a linguagem própria para os contextos em que atuam. Os alunos quando encontram-se em qualquer contexto, mesmo não uniformizados de alunos, incorporam em seus discursos os termos ditos fora dos padrões da norma culta.

O que apontamos como mais complexo na identificação e discussão destes códigos é o lugar que ele ocupa na escola apontando que concepção ainda temos de ensino da língua materna na escola, ainda vemos estes termos (como os citados acima pelo grupo) com preconceitos pois não compreendemos como variação lingüística e sim como termos que utilizamos para nos comunicamos em outros contextos menos formais.

Isto também se configura como um tipo de preconceito, suavizado, por reconhecer os termos como parte da linguagem, porém, se configura como preconceito por não considerá-los como uma variação importante da linguagem que também possibilita a comunicação.

Sobre a variação lingüística que é social e histórica no Brasil; segundo (fulano nesse texto não tem o autor) em varias regiões do Brasil convivem num mesmo espaço geográfico diferentes variedades regionais. Este fenômeno é decorrente dos movimentos migratórios de grandes contingentes populacionais que ocorrem durante o século XX: a migração de nordestinos para o centro sul, a migração de sulistas para o centro-oeste e norte e o grande êxodo rural que em pouco mais de cinqüenta anos inverteu a distribuição da população entre cidade e o campo, tornando o nosso país um dos mais urbanizados do mundo e trazendo para o espaço urbano os falares rurais brasileiros.

Enquanto profissional da educação, precisamos repensar nossas concepções de ensino e de aprendizagem, pois é pela reflexão que compreendemos o que pensamos e fazemos em nossa sala diariamente.

O modo como a língua é ensinada na escola não se manifesta, mas fica subentendido o modelo de deficiência, sendo este o principal pressuposto da tradição normativa é que à escola cabe o papel de compensar supostas ocorrências geradas por um contexto social materialmente empobrecido, esgotado.

A sociolingüística propôs uma alternativa fundamental: que as variações de linguagem não devem passar por um crivo valorativo, sendo tarefa fundamental da pedagogia da linguagem, despertar a consciência do educando para a percepção do valor social das formas lingüísticas.

A escola e mais ainda, os professores, precisam se preocupar mais em valorizar a diversidade cultural, a discutir os dialetos ditos fora dos padrões a tentar compreender os dialetos como identidade lingüística cultural de cada povo considerando sua historicidade.

Esta questão nos faz reportar a formação docente que ainda precisa levar em conta diversos fatores, a fim de possibilitar um novo olhar no fazer docente em todas as suas dimensões.

É impossível negar a dimensão política da educação, Freire desde a década de 1950 já nos orientava nessa direção. O fazer está permeado das múltiplas dimensões, é preciso dentre outros, reconhecer, ter clareza destas para definir-se que profissional o professor irá “vestir-se”, irá assumir enquanto um perfil para atuar como educador.

As tarefas do professor têm se tornado múltiplas, ela é entendida como uma atividade pedagógica, que busca sempre alcançar objetivos pré-determinados, nos currículos e projetos, que também, estão embasados numa ou noutra tendência de aprendizagem, portanto, o perfil de professor que atua com base nos currículos sem questioná-los, se configura como um professor fora do ideal para Freire (1999).

Segundo os pressupostos de Freire (1999), e concordamos com essa concepção de perfil docente, para ensinar é preciso rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos outros, criticidade, ética e estética, reflexão crítica sobre a prática, consciência do inacabamento, respeito à autonomia, bom senso, humildade e tolerância, alegria e esperança. Acreditar que a mudança é possível, curiosidade, generosidade, comprometimento, educação é uma intervenção no mundo, liberdade e autoridade, disponibilidade para o diálogo e reconhecer que a educação é ideológica. Com base nesta concepção de ensino proposta por Freire (1999), acreditamos na possibilidade da redefinição da concepção de ensino da linguagem, em todos os seus processos e dimensões.

Assim, consideramos os dialetos identificados na fala cotidiana dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio como variantes lingüísticas que constituem a identidade do grupo, sendo uma amostragem do povo potengiense, que conserva características peculiares, com termos diferentes de outras regiões do país, reafirmando a singularidade e a particularidade que envolve a construção das variantes lingüísticas.

Compreendemos também que este estudo se configura como uma reflexão inicial, que pode se configurar em diversos outros estudos, visto que esta temática, ao longo dos nossos estudos, desencadeou diversos outros questionamentos.

## 5 - ABSTRACT

The work introduces a reflection on the Language like cultural identity constituent element in São Paulo do Potengi - RN. This study configures as an applied research and study of case. Our general goal was going to identify in the everyday speech the expressions like cultural identity constituent elements. The specific goals were: Enumerate the most frequent expressions in the students' everyday speech of the first year of the Average Teaching and to analyze the found expressions like identity linguistics potengiense, being this ones, a variation linguistics. The present study organizes in three moments, the first comprehending the Introduction, that includes the general and specific goals, the excuse, research the kind and the study structuring. Second, where Accomplish Resultados, Discussion, argue the language teaching through times, in a brief conceituação historical, in this systematize the conception of historical of the language until the current days. The third, the language conceptions and, finally the final considerations, where analyze the expressions listed by the sampling, as being identity linguistics constituent element. Reaffirming the singularity and the particularity that involves the variant linguistic construction, we comprehend also that this study configures as an initial reflection that can if it shows in several other studies, since this thematic, along our studies, unchained several other questionamentos.

**KEY WORDS:** Language, linguistic prejudice, linguistic variety, cultural identity.

## 6 - REFERÊNCIAS

BACKTIN, M. **Maxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.(preciso deste texto).

BACKTIN MIKHAIL. **Estética de criação verbal**, São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1992.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**, o que e, como se faz. 2 ed., São Paulo: Loyola 1999.

\_\_\_\_\_, M. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001 p. 58-61.

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Brasília MEC, SEMTEC, 2002.

\_\_\_\_\_, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Brasília MEC, SEMTEC, 2001.

\_\_\_\_\_, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. Brasília MEC, SEMTEC, 1999.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MECSEF, 2001.

CAMACHO, R. G. **Conflito entre norma e diversidade dialetal no ensino de Língua Portuguesa**. Tese de Doutorado, Araquara, UNESP, 1984.

\_\_\_\_\_, **A variação lingüística. In: Subsídios à proposta curricular para o ensino de língua portuguesa no 1º e 2º graus**, SE – CENP, São Paulo, 1988.

CÂMARA, Jr., J.M. **História da Lingüística**. Petrópolis, Vozes, 1975.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**, 12 ed. São Paulo: Ática, 1998.

FAVELO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G. Vilaca. **Lingüística textual: uma introdução**, 4 ed. São Paulo: Cortez, 1998. (Série gramática portuguesa na pesquisa e no ensino).

FONSECA, M.S. e NEVES, M.F (orgs), **Sociolingüística**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.

GERALDI, J.W. **Linguagem e ensino. Exercício de militância e divulgação**. Capinas. Mercado de Letras, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1997.

KUENZER, Acácia Zeneide (Org). **Ensino Médio**: Construindo uma proposta para o que vivem do trabalho.

LIBÃNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (coleção magistério, Série Formação do professor).

LYONS, J. **Introdução à Lingüística teórica**. Trad. R.V. Mattos e H. Pimentel – São Paulo, Cia Editora Nacional / EDUSP, 1979.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala a escrita**, atividades de retextualização. São Paulo, Cortez: 2001, p. 35-43.

NETTO, J. Teixeira Coelho, **Semiótica; informação e comunicação, 4 ed. Perspectiva, São Paulo: 1996**.

NOTH, Winfriend, **Panorama da semiótica**; de Platão a Peirce. Annablume, São Paulo: 1995. (coleção E; 3).

PERRENOUD, Philippe: **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre. Artmed, 2000.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo, Cultrix, 1977, (título original, 1916).

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo. Ática, 1986.

TRALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo. Ática, 1986.

TOMÁS, Lira (org.). **De sons e signos; música, mídia e contemporaneidade**, EDUC. São Paulo, 1998